



**Respondendo às
principais objeções
islâmicas sobre a Bíblia
Parte 1**

Entre a fé e a crítica

por Marcos Amado

Respondendo às Principais Objeções Islâmicas sobre a Bíblia

I.	Introdução	3
II.	Um resumo das objeções de ibn-Taymiyya em relação à Bíblia	4
A.	A distorção do significado e a alteração do texto	5
1.	A corrupção do significado dos Textos Sagrados	7
2.	Sobre a corrupção do texto em si.....	8
B.	Se os apóstolos de Jesus não eram profetas nem mensageiros, eles não poderiam ter produzido Escrituras infalíveis.....	9
C.	Nenhuma alteração no Alcorão.....	11
III.	Respondendo a algumas das objeções de ibn-Taymiyya em relação à Bíblia.....	11

I. Introdução

Nos últimos dois séculos, a Bíblia sofreu fortes ataques de teólogos liberais, levando os cristãos evangélicos a defenderem aguerridamente um dos mais importantes fundamentos da fé cristã ao longo dos séculos: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a instrução em justiça" (2 Tim. 3.16).

Contudo, os teólogos liberais não são os únicos a manifestar forte antagonismo em relação à confiabilidade do texto bíblico. Grupos seculares e religiosos de diferentes tendências e tradições também o fazem, sendo um dos principais o islã.

Na sua vasta maioria, os muçulmanos — que são os seguidores do islã e que hoje se encontram em praticamente todas as regiões do mundo¹ — são homens e mulheres pacíficos, que querem viver uma vida digna e honrada. No entanto, independentemente de onde estejam, o ensinamento que receberam sobre a Bíblia é, ou foi, praticamente o mesmo: os cristãos e judeus falsificaram a Bíblia. Isso se torna uma grande barreira para a interação islâmico-cristã.

Com base nisso e tendo em mente a admoestação do apóstolo Pedro de que os cristãos devem estar "sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor, com boa consciência..." (1Pe. 3.15), o que podemos responder como cristãos evangélicos? É o que este trabalho se propõe a demonstrar, ainda que de forma bastante introdutória.

A síntese que será apresentada a seguir sobre o que os muçulmanos pensam a respeito da Bíblia tem como base um livro intitulado *al-Jawab al-Sahih li-Man Badal Din al-Masih* (A Resposta Correta para Aqueles que Mudaram a Religião de Cristo), escrito em 1317 por um estudioso muçulmano chamado Taqui al-Din Ahmad Ibn Taymiyya, que viveu em Damasco, Síria.² O livro foi publicado em inglês sob o título "A Muslim Theologian Response to Christianity" (Taymīyah & Michel, 1984).

Em *al-Jawab al-Sahih*, Taymiyya está respondendo a um tratado intitulado *Risala ila Ahad al-Muslimin* (Carta aos Muçulmanos) escrito em 1150 por Paulo de Antioquia, então Bispo de Sidon, no Líbano. Em sua 'Carta', o argumento central de Paulo de

¹ Em 2017 o renomado Pew Research Center projetou que, até o ano de 2050, pelo menos 14% da população europeia seria composta por muçulmanos (Deutsche Welle, 2017). De acordo com o mesmo instituto, espera-se um aumento de 12% na população muçulmana da América Latina nos próximos 30 anos (Pew Research, 2015). Como reflexo desse crescimento, a BBC-Brasil reportou que "o número de mesquitas e *mussalas* (salas de oração islâmicas) no Estado de São Paulo cresceu cerca de 20% em 2015, impulsionado pela chegada de refugiados e pela conversão de brasileiros" ao islã (Costa, 2015).

² Para uma visão abrangente do conteúdo do livro, consulte (Hoover, 2010).

Antioquia é que “não há nada [no islã] que possa desafiar a natureza do cristianismo como um instrumento final e autossuficiente de salvação”, pois os cristãos já tinham seus profetas e Escrituras (Taymīyah & Michel, 1984, p. 88). Foi com isso em mente que Taymiyya escreveu sua resposta, abordando vários aspectos controversos, incluindo a questão da suposta falsificação (ou modificação) da Bíblia.

Quando Taymiyya escreveu sua resposta, as Cruzadas haviam terminado há pouco tempo, e as implicações do que ocorreu nessa época sombria das relações islâmico-cristãs ainda eram sentidas. A situação política na Síria era bastante instável, devido aos ataques que os mongóis perpetravam na região. Alguns grupos cristãos faziam acordos com os mongóis (que, segundo Taymiyya, eram muçulmanos apenas de nome) para lutar contra os habitantes da região de Damasco, majoritariamente muçulmanos. Não é surpreendente, portanto, que as palavras de Taymiyya não demonstrassem qualquer tolerância ou disposição para o diálogo com "o Povo do Livro".³

Muitos estudiosos muçulmanos escreveram sobre a suposta adulteração da Bíblia. Eles inclusive recorrem às críticas feitas pelos teólogos liberais há séculos e se perguntam: se nem mesmo os cristãos podem concordar sobre seu Livro, quem pode?

Portanto, a obra de Taymiyya não é a única autoridade sobre o assunto. Contudo, de acordo com Thomas Michel, tradutor e editor do livro para o inglês, a obra de Taymiyya é

Uma obra cujo tamanho e escopo nunca foram iguados nas críticas muçulmanas à religião cristã e cuja profundidade de compreensão das questões que separam o cristianismo e o islamismo a coloca entre as obras-primas da polêmica muçulmana contra o cristianismo (Taymīyah & Michel, 1984, p. vii).

Os argumentos de Taymiyya contra a Bíblia são prolixos e frequentemente repetitivos. Portanto, seus principais pontos serão destacados, dando ênfase às ideias mais importantes. O objetivo não é abordar cada uma das objeções levantadas por Taymiyya, mas sim esclarecer alguns dos problemas subjacentes por trás de seus argumentos e respondê-los.

II. Um resumo das objeções de ibn-Taymiyya em relação à Bíblia

³ “O Povo do Livro” é um dos epítetos dados pelo Alcorão aos cristãos e judeus (veja, por exemplo, Sura 5.68-69 ou ainda Sura 98.1-4).

A. A distorção do significado e a alteração do texto

Para Maomé, antes de Ihes ser revelado o Alcorão, Deus já havia revelado aos judeus e cristãos a Torá (Pentateuco) por meio de Moisés, o Zabur (Salmos) por meio de Davi e o Injil (Evangelho) por meio de Jesus. Existem diversas passagens no Alcorão que aludem à possibilidade de os judeus e cristãos terem alterado o que lhes havia sido revelado, como, por exemplo:

Sura 2.75 - Aspirais, acaso, a que os judeus creiam em vós, sendo que alguns deles escutavam as palavras de Deus e, depois de as terem compreendido, alteravam-nas (يُحَرِّفُونَهُ) conscientemente?

Sura 4.46 - Entre os judeus, há aqueles que deturpam (يُحَرِّفُونَ) as palavras, quanto ao seu significado. Dizem: Ouvimos e nos rebelamos... Porém, se tivessem dito: Ouvimos e obedecemos. Escuta-nos e digna-nos com a Tua atenção..., teria sido melhor e mais propício para eles. Porém, Deus os amaldiçoa por sua perfídia, porque não creem, senão pouquíssimos deles.

Sura 5.13 - Porém, pela violação de sua promessa, amaldiçoamo-los e endurecemos os seus corações. Eles (os filhos de Israel) deturparam (يُحَرِّفُونَ) as palavras (do Livro) e se esqueceram de grande parte que lhes foi revelado; não cessas de descobrir a perfídia de todos eles, salvo de uma pequena parte; porém, indulta-os e perdoa-lhes os erros, porque Deus aprecia os benfeitores.

Sura 5.41 - Ó mensageiro, que não te atribuem aqueles que se degladiam na prática da incredulidade, aqueles que dizem com suas bocas: Cremos!, conquanto seus corações ainda não tenham abraçado a fé. Entre os judeus, há os que escutarão a mentira e escutarão mesmos outros, que não tenham vindo a ti. Deturpam (يُحَرِّفُونَ) as palavras, de acordo com a conveniência, e dizem (a seus seguidores): Se vos julgarem, segundo isto (as palavras deturpadas), aceitai-o; se não vos julgarem quanto a isso, precavei-vos! Porém, a quem Deus quiser pôr à prova, nada poderás fazer para livrá-lo de Deus. São aqueles cujos corações Deus não purificará, os quais terão um aviltamento neste mundo, e no outro sofrerão um severo castigo.

Nas quatro instâncias acima Maomé está se referindo aos judeus, e a palavra em árabe usada por Maomé para se referir à 'alteração' das Escrituras (e que pode ser traduzida como distorcer, deturpar, corromper etc.)⁴ é a palavra *haraf*, de onde vem o termo

⁴ Ao longo deste trabalho as palavras alterar, adulterar, distorcer, deturpar, corromper, falsificar serão usadas como sinônimos.

técnico *tahrif*, usado pelos estudiosos quando o assunto em questão é a suposta alteração que judeus e cristãos fizeram nas escrituras.

Mas há situações em que o Alcorão menciona também ‘o Povo do Livro’, ou seja, judeus e cristãos como culpados de alterarem suas Escrituras Sagradas. Um exemplo disso é a Sura 3.78:

E também há aqueles que, com suas línguas, deturpam os versículos do Livro, para que penseis que ao Livro pertencem, quando isso não é verdade. E dizem: Estes (versículos) emanam de Deus, quando não emanam de Deus. Dizem mentiras a respeito de Deus, conscientemente.

No caso desta passagem corânica a palavra usada em árabe para significar ‘alterar’ ou ‘distorcer’ é o verbo transliterado para o português como *ialuna* (يَلُونُ), cuja raiz⁵ significa colorir, ou dar cor a algo. Portanto, nesta passagem corânica ele é usado metaforicamente para denotar alteração ou distorção.

No entanto, o Alcorão está se referindo a que tipo de alteração? Thomas Michel, editor e tradutor do livro de Taymiyya para o inglês, diz, nos seus comentários iniciais, que

O termo "*tahrif*" tem sua origem no Alcorão. Em sua forma verbal, indica uma acusação lançada quatro vezes (4:46; 5:13; 5:41; 2:75) contra líderes judeus e carrega o significado de que eles citam suas Escrituras de forma errada e fora de contexto. Com base nisso, uma distinção foi feita no início da tradição polêmica entre "*tahrif al-lafz*" e "*tahrif al-ma'na*", sendo o primeiro referente à distorção e corrupção textual real, e o segundo referindo-se à interpretação falsa e distorcida de textos basicamente sólidos. (Taymīyah & Michel, 1984, p. 89)

Contudo, ibn-Taymiyya defendia que quando o Alcorão e o Hadith (coletâneas de tradições orais compiladas cerca de dois séculos após a morte de Maomé)⁶ eram considerados, ficava claro que também havia a possibilidade de o texto ter sido alterado. Portanto, quais eram suas principais objeções?

⁵ O site alhasbi.com oferece uma sucinta explicação sobre esta característica da língua árabe: “A maioria das palavras em árabe é derivada de uma raiz de três letras — exceções notáveis são palavras como "e" e "em". Uma raiz, ou "masdar", refere-se ao significado central de uma palavra. Simplificando, as raízes são identificadas ignorando todas as letras que não são vogais, resultando geralmente em 3 letras — e, raramente, em 4 letras. As raízes são os blocos de construção do idioma árabe e são úteis para adivinhar o significado do vocabulário.”

⁶ Para uma melhor compreensão sobre a importância do Hadith para a prática e teologia islâmica, acesse o artigo “Os cristãos têm um lugar à mesa para Maomé?” (Amado, 2020) ou ainda (Brown, 2022a, pp. 131-151)

1. A corrupção do significado dos Textos Sagrados

- a. Pelo fato de o significado do texto ter sido corrompido, os cristãos adotaram doutrinas e práticas que não foram transmitidas por Jesus nem são mencionadas no Evangelho, mas foram adotadas após o tempo dos apóstolos (tais como a Trindade, o Credo, o não reconhecimento de Maomé como profeta de Deus, permissão para comer carne de porco, monasticismo, glorificação da cruz e o uso de imagens na igreja).
- b. Outro erro encontrado no cristianismo, que, para Taymiyya, prova ainda mais a corrupção do significado da Bíblia, é a doutrina que diz que as pessoas são condenadas ao inferno como resultado do pecado de Adão. Se o Alcorão diz que Deus perdoou Adão,⁷ por que ele também não perdoaria os demais seres humanos?
- c. Do mesmo modo, ibn-Taymiyya não entendia, à luz dos ensinamentos corânicos, a correlação entre a morte de Jesus na cruz e a salvação.
- d. O Credo (provavelmente referindo-se ao Credo Niceno) tem uma fraseologia que não é encontrada nos Evangelhos, nem transmitida pelos apóstolos.
- e. Em sua época, havia vários grupos cristãos, como os arianos e nestorianos, que tinham doutrinas diferentes sobre a divindade de Cristo e apresentavam divergências em outros aspectos importantes. De acordo com ibn-Taymiyya, apesar de os cristãos terem realizado sete concílios bem conhecidos,

Em cada Concílio, eles censuravam um grande grupo [de cristãos], excomungavam-nos e diziam que [tais grupos] não demandavam de seus seguidores obediência a alguns dos mandamentos dados [por Deus]. Por sua vez, os que tinham sido excomungados, testemunhavam contra seus excomungadores, dizendo que eles é que haviam rejeitado parte do que foi revelado (Taymīyah & Michel, 1984, p. 221).

- f. Taymiyya acreditava que era amplamente reconhecido por muçulmanos, judeus e cristãos que houve corrupção no significado, na exegese e nas prescrições legais da Torá e do Evangelho. Assim, a questão de se o próprio texto havia sido corrompido tornava-se secundária.
- g. Maomé testemunhou sobre Jesus e o Evangelho, mas não da forma que os cristãos acreditam. “Maomé não endossou nem sequer um aspecto da corrupta e ab-rogada religião cristã” (Taymīyah & Michel, 1984, p. 219).

⁷ Adão obteve do seu Senhor algumas palavras de inspiração, e Ele o perdoou, porque é o Remissório, o Misericordioso. (Sura 2.37) ("Alcorão (português)," Samir al-Hayek (tradutor))

2. Sobre a corrupção do texto em si

Ibn-Taymiyya alegava que o Alcorão não garante a confiabilidade do texto bíblico. Maomé nunca disse explicitamente que a Bíblia foi alterada, mas também nunca negou essa possibilidade. O máximo que se pode dizer é que o Alcorão e a *Sunnah*⁸ atestaram que a Torá e o Evangelho existentes na época do profeta Maomé continham pelo menos partes do que Deus havia revelado, mas seria muito difícil discernir o que era palavra de Deus e o que era palavra humana.

Com base nessa lógica, ele constrói seu argumento, propondo, entre outras, as seguintes objeções:

- a. Como nem o Alcorão nem a *Sunnah* negam a possibilidade de a corrupção do texto das Escrituras ter ocorrido, em última análise, é impossível chegar a uma conclusão que possa ser considerada definitiva.
- b. Logo, a Bíblia deve ser considerada como *khobar*⁹ profético, e "não pode ser tratada como um todo, nem ser rejeitada completamente como fabricações e corrupções, nem ser aceita plenamente como os livros sagrados transmitidos por Deus por meio de Moisés, Cristo, Davi e outros profetas" (Taymiyah & Michel, 1984, p. 115).
- c. Para Taymiyya, apenas alguns textos provavelmente foram alterados, sendo que os evangelhos sofreram mais alterações do que a Torá. "O Evangelho que é [verdadeiramente] a Palavra de Deus não são esses quatro evangelhos" (Taymiyah & Michel, 1984, p. 225). Se pelo menos alguns textos sofreram alterações, o que impediria que a maioria também pudesse ter sido alterada?
- d. Na sua tentativa de demonstrar que a Bíblia sofreu alteração textual, Taymiyya menciona a crucificação de Jesus. Segundo ele, até mesmo um grupo de cristãos da época acreditava que não foi Jesus quem foi crucificado, mas outra pessoa que se parecia com ele, conforme narrado pelo Alcorão. Nenhum dos apóstolos viu a crucificação de Jesus. Eles apenas foram informados por alguns judeus.

⁸ Frequentemente, até mesmo os muçulmanos enfrentam desafios ao diferenciar *Sunnah* de Hadith. O site '*Exploring Islam*' esclarece que "*Sunnah*, cuja tradução literal é 'caminho' ou 'método', abrange práticas religiosas estabelecidas pelo Profeta e seus companheiros, transmitidas às gerações subsequentes por consenso. Em grande parte, essas práticas têm origem na religião de Abraão, e o Profeta fez revisões ou introduziu complementos quando necessário. Por outro lado, o termo Hadith, que pode ser traduzido literalmente como 'algo novo que surge', 'provérbio' ou 'declaração', refere-se a relatos atribuídos aos companheiros do Profeta, que narram suas declarações ou episódios sobre ele ou relacionados a ele. O Hadith foi transmitido a nós por meio de um ou poucos narradores em cada geração subsequente." (fonte: <https://www.exploring-islam.com/difference-between-sunnah-and-hadith.html>)

⁹ Estudiosos do islã usam esta palavra como sinônimo de 'Hadith'.

- e. Ele menciona diferenças no texto do Pentateuco Samaritano¹⁰ em relação ao dos judeus e cristãos. Ele também afirmava ter cópias dos Salmos com diferenças de redação e significado.
- f. Diferentemente dos primeiros muçulmanos, judeus e cristãos não memorizaram suas escrituras. Isso aumentava a possibilidade de um escriba fazer cópias da Torá e do Evangelho contendo alterações, sem que isso fosse notado. Se os estudiosos cristãos não tivessem suas próprias cópias em mãos, não saberiam dizer se tinham sido alteradas. Dessa forma, as cópias circulavam entre grupos de cristãos e eles não tinham como perceber as possíveis alterações textuais.
- g. Taymiyya alegava ter visto cópias dos Salmos que confirmavam pelo nome o papel profético de Maomé e outras em que não era mencionado. Como o Alcorão diz que Maomé foi mencionado na Bíblia (Sura 7:157), sua conclusão é que judeus e cristãos alteraram os textos nos quais isso era explicitamente mencionado.

B. Se os apóstolos de Jesus não eram profetas nem mensageiros, eles não poderiam ter produzido Escrituras infalíveis.

Existe um debate acadêmico sobre se há fundamentos para afirmar que o Alcorão atribui papéis distintos a um profeta (frequentemente transliterado do árabe como *nabi*) e um mensageiro (transliterado como *rasul*). No caso de Maomé, o Alcorão lhe atribui ambos os títulos.

Apesar de haver eruditos que argumentam que o Alcorão parece empregar os termos “de maneira intercambiável” (Oxford Reference: “Rasul,” 2023), John Esposito, um dos mais reconhecidos estudiosos ocidentais do islã na atualidade, não deixa dúvida sobre o seu posicionamento em relação ao tema:

No Islã, o conceito de profecia é mais amplo do que no judaísmo e no cristianismo. Os muçulmanos distinguem entre “profetas” e “mensageiros”. [Mensageiros são aqueles] aos quais Deus dá uma mensagem em forma de livro a uma comunidade... Todos os mensageiros são profetas, mas nem todos os

¹⁰ O “Pentateuco Samaritano não é uma versão no sentido estrito da palavra, mas sim uma parte do manuscrito do próprio texto hebraico. Contém os cinco livros de Moisés e está escrito em um script Paleo-Hebraico bastante semelhante ao encontrado na Pedra Moabita, na inscrição de Siloé, nas cartas de Laquis e, em particular, em alguns dos manuscritos bíblicos mais antigos de Qumran... [A]lgumas das divergências em relação ao Texto Masorético são alterações introduzidas pelos Samaritanos no interesse de preservar seu próprio culto, bem como as peculiaridades dialetais israelitas do norte, enquanto o Texto Masorético perpetua as características e tradições dialetais judias.” (Geisler & Nix, 1986, p. 369)

profetas são mensageiros. A palavra profeta [no Alcorão] é aplicada a Abraão, Noé, José e João Batista, bem como a profetas não bíblicos da Arábia como Hud e Salih. Mensageiro é limitado aos profetas Moisés, Jesus e Maomé, cujas revelações foram preservadas em forma escrita (Esposito, 2002, p. 12).

A discussão torna-se mais intrincada quando consideramos que ambas as palavras também estão presentes na Bíblia em árabe.¹¹ Thomas Michel, tradutor e editor do livro de Taymiyya para o inglês, observa:

No uso árabe cristão, *rasul* é o termo comum para identificar os discípulos de Jesus, e assim essa transferência do uso corânico é natural para Paulo [de Antioquia, autor cristão do livro ao qual Taymiyya está refutando]. No entanto, isso se mostrará totalmente inaceitável para Ibn Taymiyya, e o levará a incluir um longo discurso em *Al-jawab al-Sahih* sobre a diferença entre *nabi*, *rasul* e *hawari*¹² (Taymīyah & Michel, 1984, p. 89).

Para Taymiyya é inaceitável chamar os discípulos de Jesus de profetas ou mensageiros (apóstolos), pois isso implicaria em reconhecer que eles haviam recebido escrituras inspiradas em forma de livro (neste caso o Evangelho). Mas os discípulos de Jesus, por não serem profetas nem mensageiros na usança islâmica, não poderiam ter recebido escrituras inspiradas, como os cristãos alegam em relação aos evangelhos e outros livros do Novo Testamento. Maomé teve muitos companheiros e seguidores, diz Taymiyya, mas eles não eram vistos como profetas. Assim, se os apóstolos de Jesus não eram profetas, mas meros seguidores, não poderiam ser mensageiros divinos, e seus escritos não seriam infalíveis.

Para reforçar seu ponto de vista, Taymiyya acrescenta:

[Os cristãos] afirmam ainda que milagres ocorreram nas mãos dos apóstolos [de Jesus] ... Eles podem afirmar que ressuscitar os mortos à vida ocorreu nas mãos de alguns deles, mas mesmo que fosse verdade, a menos que aquele que realizou essas ações afirmasse que era um profeta, [o ato de ressuscitar um morto] não indicaria que ele era infalível (Taymīyah & Michel, 1984, p. 217).

A única maneira de os cristãos sustentarem que os apóstolos eram mensageiros divinos seria afirmando que Cristo é Deus, pois são mensageiros de Cristo. No entanto,

¹¹ Nas versões em árabe da Bíblia há várias passagens, tais como Atos 1.2, Gálatas 1.19 e 1 Cor. 9.5 (entre outras), em que a palavra usada para designar os apóstolos é *rusul*.

¹² *Hawari*, na usagem corânica, refere-se aos seguidores de Cristo.

Você não consegue provar que Cristo é Deus, exceto por esses livros. Você não consegue mostrar a precisão desses livros, exceto provando que os apóstolos são mensageiros imaculados de Deus. Você não consegue provar que eles são mensageiros de Deus, exceto provando que Cristo é Deus. A posição deles se tornou um círculo vicioso (Taymīyah & Michel, 1984, p. 216).

C. Nenhuma alteração no Alcorão.

Ainda hoje, muçulmanos de todo o mundo afirmam que não houve mudanças ou alterações no Alcorão durante seu processo de formação. O que Maomé recebeu de Deus, em árabe, é supostamente exatamente o que está disponível hoje.

Taymiyya compartilhava desse pensamento. Por ter sido memorizado por diversas pessoas, qualquer tentativa de modificar o Alcorão seria facilmente reconhecida por quem o memorizou. Dessa forma, não há *tahrif* no Alcorão, nem na sua redação nem no seu significado.